

MIGRAÇÃO NORDESTINA: RUPTURAS, ADAPTAÇÕES E CIDADANIA DOCUMENTADOS NA MÚSICA CIDADÃO

Ariton Francisco Soares¹

Resumo: A migração nordestina para o sudeste sempre foi alvo de curiosidades e análises por ter causado grande impacto social nos pólos de saída e entrada desses retirantes. Tendo por objetivo colhermos o produto de uma análise do processo histórico da migração, da marginalização, das rupturas e das adaptações sofridas por essas pessoas. Buscamos inspiração e referência teórica na música Cidadão, composta por Lúcio Barbosa, nos escritos de Simone Weil que trabalha com a opressão sofrida pelos operários, em Baumam que escreve sobre o tema da confiança e o medo na cidade e na tese de doutorado de Helenilda Cavalcanti intitulada como “O desencontro do ser e do ter: migração Nordestina para São Paulo”, fala-nos mais de perto a respeito da temática da migração nordestina. Tudo isso para, através dessa efervescência, buscarmos encontrar formas de preconceitos que ainda nos permeiam e o tanto que eles desfiguram nossa sociedade.

Palavras-chave: Migração, Cidadania, Música

O presente artigo trata sobre a temática da migração nordestina na década de 1970, analisando dados históricos, a letra da música Cidadão e bases teóricas de autores que tratam de temas paralelos ao da migração e suas consequências. Iremos em busca de respostas de questões como a xenofobia e os preconceitos vividos pelos migrantes nordestinos poderá nos ajudar a entender e identificarmos fatores que proporcionam desigualdade em nossa sociedade.

A ciência História poderá adquirir ainda mais solidez quando analisa essa expressão cultural chamada música, porque os sons matematicamente e fisicamente organizados fazem aflorar muitos de nossos anseios e no caso deste estudo até certa dose de emoção. Estudá-la, buscar caminhos que dialoguem e nos façam compreender em parte o preconceito vivido pelo recém-chegado nas grandes cidades, no caso deste estudo nos anos 1970, poderá abrir trilhas que, mesmo por breves instantes, traga-nos pequenas pitadas de lucidez para agirmos cada vez mais como profissionais formadores de pensamentos que apontem para a igualdade, visto que os dias atuais carecem de paz. Estando em meio a esses inconformismos que pairam sobre os que estudam as sociedades e suas histórias é que foi proposta a análise da temática da migração nordestina feita pelo exame da música Cidadão, composta por Lúcio Barbosa e gravada em 1979 por Zé Geraldo.

¹ Acadêmico da Universidade Estadual de Ponta Grossa do 4º ano do curso de Licenciatura em História.

Lúcio Barbosa documenta a saga e o sofrimento do seu povo na sua terra natal como também o imigrante que corre para escapar em São Paulo no sobe e desce da vida, na construção civil, na cozinha, na direção dos ônibus, na limpeza das ruas e em tudo que for nobre neste país. Nascido na cidade de Senhor do Bomfim no estado da Bahia tornou-se conhecido na música popular brasileira pela composição da música Cidadão. Em 1976, foi vencedor do Festival Simonense da canção realizado na cidade paulista de São Simão, com a canção "Êxtase", parceria com Antônio Claret Mesquita. Seu grande êxito aconteceu em 1979, quando sua música "Cidadão" foi gravada pelo cantor Zé Geraldo no LP "Terceiro mundo", da CBS. Essa composição conheceu diversas regravações, entre as quais, as de Luiz Gonzaga, Zé Ramalho, Renato Teixeira, Elymar Santos e, em 1989, tornou-se grande sucesso no sul do país, na gravação de Wilson Paim. Foi também regravada pelo próprio Zé Geraldo, entre as quais, no disco "Cantoria 3", lançado pela Kuarup. Em 1992, a música "Cidadão" foi regravada por Zé Ramalho no disco "Frevoador" lançado pela Columbia/Sony Music. Em 1994, Lúcio Barbosa teve a música "Vagabundo forçado", gravada por Israel Filho no CD "Amigos pro que der e vier", do selo Jaboticana. Entre outros eventos, participou do projeto UMES-Cantarena, em São Paulo. Em 1996, a canção "Cidadão" foi regravada por Elymar Santos no CD "Elymar mais popular", da EMI Music. Em 1998, suas composições "Cidadão" e "O profeta" foram incluídas no CD "20 super sucessos - Zé Geraldo", da Polydisc. Em 2000, a música "Cidadão" foi regravada no CD "O novo amanhecer", lançado por Renato Teixeira e Zé Geraldo, e gravado ao vivo em show que contou com as participações de Chico Teixeira, filho de Renato; e Nô Stopa, filho de Zé Geraldo. Assim Lúcio Barbosa contribui grandemente com a música popular brasileira, seja protestando ou simplesmente mostrando sua poesia em forma de música².

José Geraldo Juste ou simplesmente Zé Geraldo é cantor e compositor, nascido em Rodeiro, na Zona da Mata mineira, e criado em Governador Valadares, no Vale do Rio Doce. Com 18 anos foi estudar e trabalhar em São Paulo, ainda com o sonho de se tornar jogador de futebol. Mas, um acidente automobilístico mudou o rumo de sua história e, com pouco mais de 20 anos, suas jogadas foram transformadas em versos e canções. Em 1978 conheceu Lúcio Barbosa que lhe mostrou a música Cidadão e permitiu que a gravasse, então, no ano de 1979, foi o primeiro cantor a gravar a música porque depois dele outros intérpretes o fizeram muito bem como Zé Ramalho e Sílvio Brito. Foi em sua voz que a música Cidadão ganhou ainda mais força por este cantor ter um estilo musical também voltado para o protesto e defesa das

² Disponível em: www.dicionariompb.com.br/lucio Barbosa/biografia; Acesso em: 30/10/13

classes menos favorecidas, sendo que Zé Geraldo desfez contratos com grandes gravadoras e atualmente mantém um trabalho independente por querer se manter fiel ao seu estilo musical³.

Eis os então apresentados compositor e cantor da música Cidadão, o primeiro a criou fazendo um trabalho intelectual com a temática da migração e o outro exerceu a função catalizadora de muitas vozes de seu tempo que desconfiavam de uma desconexão social atuando na relação entre migrantes e os recepcionistas destes na cidade grande. Para o historiador é de grande importância que esses materiais como a música e a poesia tenham seu lugar na lista de documentos a serem pesquisados; muitas linhas de pensamento que outrora foram caracterizadas como infalíveis hoje em dia estão sob análise. Também podemos falar da Escola Metódica que relegava ao documento a voz de uma verdade acontecida no passado e que por muito tempo foi referência de uma maneira correta de se fazer história mas que foi questionada pela Escola dos Annales que mostrou uma outra visão e propõe uma problematização da história tirando o foco exacerbado que o documento escrito tinha⁴; Notamos, na verdade, que todas as ciências podem ser questionadas, até mesmo as exatas, com relação às suas infalibilidades, então, quanto mais a ciência História que tem como objeto de observação a humanidade que está o tempo todo em constante mudança.

Será que por um breve momento poderíamos supor que a música fosse um código científico e histórico mais reservado às mudanças dos tempos? Poderia a arte ser tratada como um documento histórico menos susceptível a variações de interpretações? São perguntas interessantes de se fazer, visto que a música, por exemplo é uma expressão que une a fala de um povo de uma determinada época com notas musicais; seria como alicerçarmos depoimentos de pessoas pertencentes aos mais variados tempos com melodias e assim obtermos documentos históricos mais resistentes às mudanças dos tempos.

Marcos Napolitano⁵ nos mostrou que a busca constante de modelos que encerrem a construção da realidade de um artista é a pesquisa da História da Arte. Estas pessoas buscam em um passado ou no presente tradições que são construídas a partir de tendências de pensamentos, influências de ideologias, concepções estéticas derivadas de uma determinada época ou lugar. A criação do artista diverge da história consensual em relação ao determinismo do “monumento” e do fato histórico e é mais bem aceita entre os que pesquisam as mentalidades de uma época.

³ Disponível em: www.dicionariompb.com.br/ze-geraldo/biografia; Acesso em: 16/10/13

⁴ FARIAS, M. N.; FONSECA, A. D.; ROIZ, D. S. *A escola metódica e o movimento dos Annales: contribuições teórico-metodológicas à história*. Umuarama: revista Akropolis, v. 14, n. 3 e 4: 121-126, 2006.

⁵ NAPOLITANO, Marcos. *História & Música – História Cultural da música popular*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002. p 68.

Napolitano também argumenta que a História da Música não é diferente. O músico é uma referência da construção do cotidiano ao seu redor e prisma de uma sociedade que estabelece seus valores através de seu entendimento sobre as relações de realidade. Assim, a pesquisa de História e Música necessita de um aprofundamento metodológico em suas características para que, enquanto arte, suas características gerais sejam mantidas mas, enquanto música, suas especificidades sejam respeitadas e analisadas enquanto parte integrante do meio social.

Esta base teórica que buscamos em Napolitano nos mostrou uma certa sistematização da metodologia da pesquisa da História da Música, dando ênfase nos pontos específicos que a música guarda, diferenciando-a das demais formas de arte e ao mesmo tempo, localizando-a no meio social onde ela foi construída, divulgada, propagada e recebida. Esta sistematização é uma indicação dos caminhos que podem ser tomados ao se pesquisar música e, ao mesmo tempo, uma necessidade de aprofundar as questões que fazem da música uma especificidade na abordagem da história. Assim, ao analisarmos a música Cidadão de forma sistematizada, conseguimos alguns resultados como por exemplo: olhamos seu compositor e intérprete de acordo com o meio social com os quais eles foram influenciados e como prismas de uma realidade que a sociedade da época vivia; demos mais importância ao local onde a música foi produzida, divulgada e propagada porque o tamanho do eco que a música fez em sua época nos indica o quão importante e verdadeiro aqueles ensinamentos são.

Por certo tentamos tratar um pouco mais da questão da desconfiança e do medo, por estes fazerem parte do rol de consequências negativas trazidas pela migração nordestina, buscamos então em em Bauman⁶ que nos apresenta um panorama da atual Europa, enfatizando brevemente a relação da confiança e medo na cidade, a busca de refúgio e a dificuldade de convivência com estranhos. Ele sugere que a falta de confiança e o medo leva as pessoas ao individualismo e impõe que cada um se ocupe apenas de si próprio e dos seus assuntos, fragilizando a rede de vínculos sociais tornando-os cada vez mais vulneráveis, resultando no medo de ficar para trás; assim, o apoio e a confiança são perdidos juntamente com a solidariedade.

Olhando o continente europeu, Bauman mostra a consequência dos medos que são as reações xenófobas e de rancores contra os estrangeiros, ele diz em sua obra que os estrangeiros tendem a parecer tanto mais assustadores na medida que os enxergamos mais distantes, desconhecidos e incompreensíveis; O autor nos mostra que esta caricatura assustadora dos estrangeiros é fruto do olhar de quem os recebe, neste contexto os excluídos transformam-se em classes perigosas; o desemprego assume caráter de rejeição e inutilidade

⁶ BAUMANN, Z. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2009. p 49.

em que a pessoa deixa de ser útil para o progresso econômico, assim são deixados à margem da sociedade e incapazes de regeneração. Até mesmo as arquiteturas das metrópoles sugerem hostilidade a invasores com seus muros altos e seguranças armados, protegendo aos que tem condições de se protegerem até mesmo da presença dos abandonados e miseráveis.

Desta forma, ao colhermos os ensinamentos de Bauman, mesmo ele dialogando com os dias atuais e compararmos com a primeira estrofe da música Cidadão, podemos presumir que Lúcio Barbosa argumenta também a respeito do clima de desconfiança e medo vigentes nas cidades que receberam aqueles migrantes de outrora.

A primeira estrofe fala-nos disso além de referir-se ao sacrifício do serviço pesado que foi realizado não só na construção civil, mas também nas lavouras de cana de açúcar em que milhares de pessoas foram empregadas em condições sub-humanas e escravas, tendo elas que sair para o trabalho ainda quando o sol não tinha nascido, enfrentar um dia de trabalho intenso arriscando-se aos acidentes de trabalho, alimentando-se de suas marmitas que traziam comida fria e, no fim do dia, voltavam para suas moradas já anoitecendo, com tempo somente de descansar seus corpos preparando-o para mais uma jornada de intenso trabalho.

As conduções necessárias para ir e voltar para o trabalho diariamente também foram alvo de crítica pelo compositor como a fuga da realidade massacrante através do alcoolismo que fez e continua fazendo um número maior de vítimas nas regiões em que as condições de vida estão na linha da miséria; sendo assim, a cidadania, que dentre outras deveria também exercer a função de uma ponte, recebeu mais um tijolo, formado na década de 70, em seu muro divisor, este feito de desigualdade, medo e massacre do outro, quando de alguma forma este não se enquadra no pensamento predominante. Vejamos:

*Tá vendo aquele edifício moço?
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Eram quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me chega um cidadão
E me diz desconfiado, tu tá aí admirado
Ou tá querendo roubar?
Meu domingo tá perdido
Vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar o meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio
Que eu ajudei a fazer*

O sertão nordestino nunca mais viu um imenso exército de gente brava que desertaram na agonizante batalha contra a aridez; a falta d'água e um sonho utópico de poder viver com as mínimas condições possíveis fizeram esse povo se amontoar em paus de araras, trens e ônibus em direção ao sudeste brasileiro. Em um primeiro momento, o nordestino rompe fisicamente com o sertão que o castiga, mas o leva estampado em sua face, em seu modo de ser e observar o mundo à sua volta; posteriormente, ao chegar às grandes cidades, percebe um mundo sem espaço, racionalizado, de imensos arranha céus povoados de indivíduos solitários. Desta forma sofre outras rupturas por ser obrigado a deixar-se para trás. De acordo com dados retirados do site da cidade de São Paulo⁷, chegaram aproximadamente 128 mil migrantes nordestinos a cada ano da década de 1960, isso sem contar os levantes anteriores que, impulsionados pela industrialização paulista em torno de 1920, vieram tentar a sorte na cidade grande.

Ao pesquisarmos alguns dados sobre a migração encontramos Ferrari indicando que este tipo de migração, em especial para a São Paulo, foi um fenômeno demográfico bastante acentuado até principalmente a partir da década de 1930 (durante a Era Vargas), quando o número de migrantes nacionais superou o de imigrantes vindos de outros países, tornando essa migração muito intensa.

Poderíamos indicar como causa principal da migração o intenso desenvolvimento econômico e industrial pelo qual passavam os locais de destino dos nordestinos, ou seja, o sudeste brasileiro. Graças ao acúmulo de capital de origem do setor cafeeiro, desde o século XIX, e à políticas de proteção e de substituição de importações favoreceram a região. Em contraponto, a região nordeste, ainda guardava características herdadas do período colonial, como por exemplo: atraso na agricultura sendo ela pouco diversificada, economia estagnada, existência na região de grandes latifundiários tendo como consequência a má distribuição da renda, e, uma indústria pouco diversificada e de baixa produtividade; além de todos esses fatores o fenômeno natural de secas constantes castigava a região e entrava na somatória de fatores que contribuíram para expulsar as populações nativas. Sendo assim, as distintas características dessas duas regiões, além de acentuar as desigualdades regionais, formaram um cenário propício à migração nordestina⁸.

De um lado o seco sertão nordestino expulsa seus habitantes pela escassez das condições básicas de sobrevivência, de outro o sudeste brasileiro atrai essas pessoas que veem nos imensos arranha-céus, pontes, chaminés e pessoas que andam de um lado para outro uma

⁷ Disponível em: http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/gente-paulista_migrantes, acesso em: 01/10/13

⁸ FERRARI, Monia. *A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954) - seca e desigualdades regionais*. Dissertação de Mestrado em Sociologia – UFSCAR. Sorocaba, 2006.

alternativa onírica de sobrevivência. Assim, nessa longa travessia, houve um processo doloroso de desenraizamento de pessoas que foram obrigadas a deixar tudo o que possuíam e o muito do que eram para trás e houve também uma forçada adaptação desses migrantes que foram imersos em uma cultura completamente diferente da sua cultura; tudo isso consistiu em um complexo sistema de negações de si mesmos e de digestão e aceitação de um modo de ser que os faziam menos estranhos perante a um outro exército de pessoas que viviam de acordo com as regras capitalistas vigentes. Como enfatiza Weil⁹:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.

Simone Weil deixou-nos um testemunho de vida e uma produção filosófica muito importantes. Em seu cadernos (Cahiers), deixa impresso suas experiências filosóficas, políticas, religiosas, trabalhistas e científicas. Sendo uma intelectual diferente do paradigma usual escreve numerosos artigos sobre sindicalismo e economia, publicados na imprensa de esquerda da França e em 1934 pede uma licença para a escola secundária para moças em Le Puy para tratar de “estudos profissionais”, sendo que na verdade ela vai trabalhar como operária na fábrica da Renault, fato que a deixa esgotada fisicamente e a faz sentir na pele o que é estar desenraizada e vivenciando as agruras dos que estão à margem da sociedade. O "Journal d'usine" ("Diário da fábrica") que ela manteve durante esse período observa que "a exaustão me fez esquecer finalmente as verdadeiras razões pelas quais estou na fábrica". Ela ficou tão traumatizada por sua experiência fabril, que abandonou imediatamente quaisquer noções românticas que ainda tivesse sobre o proletariado e sua (ou de quem quer que fosse) habilidade para ajudá-lo. Ela descobriu que a opressão não resulta em rebelião, mas em obediência e apatia - e até mesmo na internalização dos valores do opressor¹⁰.

Com o migrante talvez não tenha sido diferente. Trazer estampado em seu rosto o sertão com sua pluralidade cultural os fizeram sofrer no sudeste brasileiro os preconceitos, silenciosos ou não, de uma sociedade que estava sendo cosida a pleno vapor pelos ideais de “ordem e progresso” intensificados pela positivista ditadura militar brasileira. Weil nos sugere que os indivíduos precisam estar de mãos dadas com o passado e com o futuro para poder em seu presente ter uma real e ativa participação na coletividade na qual ela está inserida; em

⁹ WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979. p. 347

¹⁰ Disponível em : www.simoneweil.com.br; acesso em: 30/10/13

suma, colocar na alma terno e gravata em substituição do gibão de couro¹¹ talvez tenha sido como ficar nu em praça pública e estar exposto em um mercado que os quantificavam como mãos e pés, quase sempre sem rostos.

Buscamos também em Helenilda Cavalcanti, que em sua tese de doutorado em Psicologia Social intitulada como “ O desencontro do ser e do ter: migração Nordestina para São Paulo”, fala-nos mais de perto a respeito da temática da migração nordestina, fazendo também um direcionamento para a questão do desenraizamento nos dizendo que os migrantes estão sendo expulsos duas vezes , nos dias atuais, do povoado de São Severino “dos Macacos” em Gravatá – PE, uma vez quando seus antepassados foram retirados com a mudança da economia do campo, outra vez quando induzidos a migrar; desta forma a população se viu dividida entre o interior de Pernambuco e a periferia de São Paulo.

Helenilda se propôs a estudar o processo de desenraizamento da experiência do migrante nas várias versões de significados que o tema possibilita. A autora diz que há um conceito comum divulgado pelos cientistas sociais de que o migrante é um ser sem raízes, porque ele perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver e de louvar a Deus, todos esses fatores são partidos quando o migrante chega na cidade grande, até mesmo sua fala é tratada como um código restrito pelos linguistas. Sendo assim, o desenraizamento é um desencontro destas pessoas naquilo que lhe são dadas como essencial para existir pertencendo a um grupo social. Assim, a análise da música em questão ficou-nos mais clara quando tomamos também por base os efeitos trazidos pelo desenraizamento.

Dessas pessoas foram arrancados grandes tesouros do passado e muitas expectativas de um futuro melhor, apesar e ironicamente de terem sido essas expectativas a força motriz que os fizeram deixar suas cidades, assim, estar exposto à impenetrabilidade das pessoas da cidade grande que excluíram esses migrantes para debaixo de pontes ou para as periferias das cidades foi fazer parte de uma dialética em que o resultado foi indivíduos inseguros de seus passados e incertos de seus futuros. Assim, enxergamos na segunda estrofe da música Cidadão o autor falando a respeito da dor de um pai que ajudou a construir uma escola e depois não pôde colocar sua filha naquele colégio por questões sociais e financeiras. O migrante ali retratado sente saudades de sua terra natal lembrando-se que apesar do sofrimento causado pela seca o fruto de seu trabalho era pouco mas assegurado, nesse momento ele sente-se incerto de suas

¹¹ Vestimenta típica do sertanejo, feita de couro para suportar a vegetação espinhenta. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 214.

convicções, esses traços apontam para a insegurança e a incerteza causados pelo desenraizamento, analisemos:

*Tá vendo aquele colégio moço?
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Pus a massa fiz cimento
Ajudei a rebocar
Minha filha inocente
Vem pra mim toda contente
Pai vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar
Esta dor doeu mais forte
Por que que eu deixei o norte
Eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava
mas o pouco que eu plantava
Tinha direito a comer*

Em uma reconstituição de reportagem de 1972¹² feita para o programa "Hora da Notícia", da TV Cultura houve uma matéria que foi editada e convertida em um documentário de curta-metragem recebendo os prêmios de Jornada Brasileira de Curta-Metragem - Salvador (BA) - 1973: melhor filme. Neste documentário é feita uma entrevista com duas famílias de migrantes da cidade de Vitória da Conquista – BA, o fato se passa no dia 20 de novembro de 1972 no Parque Dom Pedro em São Paulo-SP, ali comerciantes reclamam de marginais que estavam se abrigando sob os viadutos. Podemos notar um rico diálogo tríplice entre o repórter, o migrante e um cidadão paulistano que passava e fora abordado para participar da entrevista; o documento de vídeo, instigante do ponto de vista histórico, mostra a deplorável situação que se encontravam essas famílias.

Ao ser questionado a respeito do porque de sair de seu lugar de origem, Sebastião Renato da Silva relata a pobreza e a falta de esperança que afetavam os sertanejos do nordeste e que a única alternativa para sobreviver foi vir para São Paulo; Sebastião tinha dois filhos e a esposa estava grávida, naquele momento da cena estava sentada em um sofá maltrapilho, talvez encontrado no lixo. Certamente poderíamos notar neste recorte um família de desenraizados, suas feições indicam pessoas sendo violentadas pela invisibilidade, sim, de certa forma o monumento “ponte” tem o poder de trazer invisibilidade aos que são obrigados a fazer dela sua morada. Sebastião demonstra certa lucidez ao responder ao repórter que o inquiria enumeran-

¹² - Disponível em: <http://youtu.be/CBKGXNvisNE>; acesso em: 30/10/ 13.

do as dificuldades que o expeliu do campo, mas também indica que os dissabores que ele está passando na cidade grande ultrapassa seu estado anterior. A criança chora, sua esposa a balança nos braços, a apatia desses desabrigados é indicação de que eles estão prontos para receber os valores de quem os oprime.

Posteriormente, quando o cidadão paulistano entra em cena com sua fala, emerge um pensamento vigente da época, ele sugere ao migrante que volte para a Bahia, ou vá para o Rio de Janeiro, interior de Minas Gerais tentar a sorte na agricultura. Seu terno e gravata, cabelos penteados e sua postura é contrastante com a figura do migrante, o momento registrado por aquelas lentes parece-nos uma pequena amostra de uma sociedade que vivia as intempéries de identidade confiscadas pelo estranhamento preconceituoso, um mundo ativamente capitalista que recebia o outro, em que a seca e as questões políticas ligadas a ela traziam grande miséria. Assim, o produto deste encontro talvez tenha sido a desconfiança por parte das pessoas que receberam o levante de migrantes e o medo por parte dos nordestinos, tudo isso figurava no palco as grandes cidades do sudeste brasileiro, na década de 70.

Este documento mencionado acima que é da época em análise documenta a dor de pessoas que muito trabalharam na construção de nosso país e depois foram descartadas e deixadas a mercê de todo tipo de violências, sejam elas físicas ou psicológicas. Foram mãos que construíram arranha-céus, escolas, faculdades, hospitais, Brasília. Essas mesmas pessoas no findar do dia cumpriam o cansativo e traumatizante ritual de voltar para casa ou para barracos e pontes que serviam de morada; seus filhos foram impedidos pelas circunstâncias econômicas e sociais de romperem com os estamentos que os limitavam a um círculo vicioso da manutenção da escassez em suas famílias, a fome sempre sentada na mesa dialogava com um copo de álcool em um bar e produzia uma multidão de vítimas e algozes que se retroalimentavam nesta roda social. Neste vídeo fica evidenciado pessoas desenraizadas, com medo e sofrendo a desconfiança dos moradores da cidade de São Paulo, as duas primeiras estrofes, que analisamos anteriormente, aponta diretamente para a situação documentada pelo vídeo em questão.

Buscamos também uma forma de entender como foi feito a adaptação desses retirantes em meio a cidade grande, porque de um jeito ou de outro esse fato ocorreu, assim encontramos as igrejas pentecostais como ativas nesse processo e servindo de luzes em fim de túneis. A partir de seus estudos sobre as religiões presentes na cidade de São Paulo, Procópio Camargo¹³ apontou que havia religiões sacrais, como a umbanda e o pentecostalismo e, mesmo aparentemente em contradição ao que era moderno na época,

¹³CAMARGO, Procópio. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

tinham a função de facilitar a adaptação da vida dos indivíduos desgarrados de seus núcleos sociais nas cidades modernas. Essas religiões, ao contrário do catolicismo – religião até então soberana – caracterizavam-se por dar ênfase no processo individual de acesso ao divino. Uma é do tipo tradicional, e as outras, do tipo racional.

Procópio enfatiza que as religiões do tipo tradicional se apresentam ligadas à vida social em que as suas normas e regras se diluem facilmente nas ações dos indivíduos. Já o tipo racionalizado se apresenta contrapondo à ordem vigente, dando um salto em consciência religiosa, justamente pelo fato de ser acessado via ruptura, ou seja, pela escolha individual. É nesse sentido que o autor argumenta que estas últimas são religiões internalizadas, pois, mesmo sendo altamente sacrais, geram maiores possibilidades de sentido em torno da vida nas cidades modernas. Em outras palavras, são altamente críticas quanto à perda de sacralidade da igreja católica, e tentar repor na sociedade os elementos perdidos com a religião tradicional, assim essa minoria foi ganhando forma enquanto organização e ao mesmo tempo conseguiu amenizar muitas dores, retirando da sequeidão um pouco de água para nutrir esperanças que pareciam não mais existir.

Lúcio Barbosa, na última estrofe de sua música, enfatiza bastante o trabalho da religião na tentativa de religar os refugiados da seca com seus sonhos e o mundo a sua volta. Ele deixa transparecer que este trabalho foi realizado pela igreja católica ao usar as palavras “sino”, “badalo” e “padre”, talvez na tentativa de dar uma estética social à sua composição, uma vez que nos dias em que a música foi criada e difundida por Zé Geraldo, ser protestante era sinônimo de ser antiquado, pois os usos e costumes desta classe no que tange ao modo de falar e vestir eram contrastantes com o mundo moderno da década de 70 em que o rock psicodélico, as drogas e a moda hippie influenciavam o Brasil¹⁴.

Bem, mas se foram os protestantes ou católicos que ajudaram a amenizar as dores daqueles migrantes é uma discussão partidária que nos forneceria apenas alguns dados estatísticos no que se refere ao crescimento deste ou daquele segmento religioso. O que achamos digno de nota é que em tempos de grandes infortúnios as pessoas ainda encontram um modo de se adaptarem e acharem um sentido para suas vidas, o compositor nos mostra que até o próprio Cristo, ou seja, até o sentido de sagrado estava sendo sufocado porque as pessoas estavam passando por um processo de fechamento em si mesmas, demonstra também a semelhança entre o sofrimento de Jesus, que foi rejeitado e crucificado, e os retirantes que

¹⁴CIDREIRA, R. *Moda nos anos 60/70 (comportamento, aparência e estilo)*. Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras, vol. 2, 2008.

também foram rejeitados e na época passavam por um grave tipo de violência social, observemos:

*Tá vendo aquela igreja moço?
Onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo
Enchi minha mão de calo
Lá eu trabalhei também
Lá sim valeu a pena
Tem quermesse, tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que cristo me disse
Rapaz deixe de tolice
Não se deixe amedrontar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar*

Até o presente momento fizemos a análise da música Cidadão procurando dentro dela traços que apontaram principalmente para a questão do desenraizamento social, da desconfiança e do medo que estes migrantes sofreram nas grandes cidades e observamos também umas das formas de adaptação encontrada por essas pessoas que foi a religião, esta teve a serventia de apoio ao mesmo tempo que estabelecia ligações entre os indivíduos. A partir então dessas nuances apresentadas nos vem na memória alguns questionamentos. Claro que houve na década de 70 um preconceito maciço em relação aos que chegavam nas grandes cidades do sudeste e que essas pessoas ultrapassaram seus limites suportando um mundo estranho e fechado em si mesmo; se fossemos mapear as gerações posteriores a do levante de 1970, por exemplo, iremos talvez notar filhos e netos que receberam por herança uma marginalidade que lhes foi imposta e é mantida por um sistema capitalista que valoriza a capacidade de acúmulo do capital ao invés do conteúdo do caráter das pessoas.

Ainda fabricamos Sebastões como explicitado em páginas anteriores? Se dizemos que não excluimos diretamente essas pessoas, certamente as ignoramos na maioria das vezes que passamos pelos viadutos e fingimos que elas são invisíveis, ou, usamos nosso censo de auto justiça e colocamos a culpa em nossos governantes sem perceber que fomos nós que os colocamos no poder e que eles são uma pequena amostra de nossa sociedade e da forma de existir com a qual todos nos concordamos, mesmo no mais longínquo inconsciente de nossa coletividade. Quantas vezes enxergamos o outro através das lentes do medo e da insegurança

quando essas pessoas dirigem seus olhares em nossa direção procurando estabelecer contato e buscando ajuda para a situação caótica que enfrentam no seu dia-a-dia? As ignoramos, aliás, ignoramos a nós mesmos quando fechamos nossos olhos para as transformações que estão levando os nossos dias a beira da estagnação e da ruptura com nossas raízes, visto que observamos que nosso enraizamento nos dá condições de segurança e expectativas de um futuro melhor.

Zé Geraldo cantou, inspirado por Renato Teixeira, cidadãos, sejam eles oprimidos ou opressores. Eles colocaram na música um retrato de um tempo que ainda traz nos dias atuais pessoas que ajudam a construir edifícios mas que são barrados na portaria por porteiros que talvez sejam até migrantes. Esses construtores civis, carpinteiros, arrumadeiras, lixeiros faxineiros e “funcionários de serviços gerais” ainda estão marginalizados não tendo acesso a maioria dos serviços existentes nesses mesmos prédios que eles ajudaram a construir. Basta olharmos as manchetes dos jornais ou sairmos para olhar mais de perto a dura realidade dessas pessoas. Sem falar de nosso sistema de transporte público que recentemente foi o estopim de manifestações por todo Brasil e que também foi referenciada pelo compositor já na época como “um tempo de aflição” porque eram “quatro condução, duas pra ir, duas pra voltar”.

Certamente que cantaram também o bloqueio ao acesso a educação com mais qualidade na segunda estrofe da música, podemos notar que passados já quatro décadas o panorama da educação em nosso país ainda não mudou muito, se na época tivéssemos cedido atenção que a educação merece talvez em nossos dias atuais estaríamos vivendo em uma sociedade mais justa. O mais grave dessas circunstâncias talvez seja que ainda não aprendemos os ensinamentos que a história nos traz e continuamos a manter as “crianças de pé no chão” longe da educação que irá libertá-la de seu estado opressor. Quando o migrante vê que a esperança depositada na educação de sua filha é dilacerada ele se vê mais uma vez sem expectativas, assim, quando também vemos nossa sociedade se retroalimentando com o alimento produzido pela falta de postura política e social, mutações ocasionadas também pela falta de investimentos na formação e informação de nossos jovens nos dias atuais, podemos quase ouvir e sentir Zé Geraldo entoando: “Essa dor doeu mais forte”.

Desta forma, ao trazer em paralelo a última estrofe da música com os nossos dias, podemos observar ainda igrejas trabalhando em conjunto com a sociedade em uma tentativa de amenizar as dores dos excluídos. Mas, os que se dizem porta-vozes do mesmo Cristo da música Cidadão estão se adaptando também às leis do mercado capitalista e tirando o foco de

alguns pontos essenciais do cristianismo, como a ajuda mútua, a caridade e o olhar condescendente para com os que estão marginalizados.

Certamente talvez poderemos observar o padre, pastor ou outro sacerdote deixando os fiéis entrarem em seus templos, mas para permanecer sob a proteção desta teia social, aquele meio social tem que observar alguns quesitos como a incorporação de uma forma de pensamento que estabelece a troca e uma certa idealização de um Deus vingativo. Em muitas comunidades cristãs os indivíduos são livres para contribuir e se o fazem estão abrindo em suas vidas “brechas” para a manifestação do divino através de bênçãos; se assim não o fazem saem debaixo da proteção desse mesmo Deus e conhecem a face de um Deus vingativo que reclama o pagamento de indulgências através de maldições¹⁵. Parece que o Cristo representado na canção aos poucos está também se adaptando as inspirações dos dias atuais e fazendo Max Weber ¹⁶ ter razão, ou seria que estamos emprestando nossas vozes à divindade para conseguirmos acumular mais um pouquinho de capital ou justificarmos nossa ganância exacerbada?

Por fim, gostaria de chamar-nos a uma auto reflexão para procurarmos em nós em que lugar essas formas de pré conceitos, da mutilação do outro e do egoísmo estão enraizados. Há de se haver revoluções quando assumimos nosso papel de sujeitos que trazem e guardam escondidos em nós mesmos esses males e que insistimos em colocá-los visíveis em outro lugar o mais longe possível de nossos cotidianos. A música Cidadão ganhou um passaporte para ir mais longe no tempo, enquanto existirem famigerados e excluídos de quaisquer formas ela servirá de espelho para nos mostrar o que em nós deverá ser mudado, até que a cidadania seja exercida nos mais altos padrões idealizados pela utopia.

¹⁵COSTA, Roney Roberto da. A ética protestante e o espírito do capitalismo: *o discurso das igrejas neopentecostais assimilando os valores de mercado*. TCC História - UEG. Morrinhos, 2008.

¹⁶Maximilian Karl Emil Weber foi um intelectual alemão, é considerado um dos fundadores da Sociologia. Sua obra mais famosa é o ensaio A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, com o qual começou suas reflexões sobre a sociologia da religião. Weber argumentou que a religião era uma das razões não exclusivas do porque as culturas do Ocidente e do Oriente se desenvolveram de formas diversas, e salientou a importância de algumas características específicas do protestantismo ascético, que levou ao nascimento do capitalismo. Disponível em www.brasilecola.com/filosofia/a-definicao-acao-social-max-weber.htm; acesso em: 02/11/13.

Referências:

- BAUMANN, Z. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2009. p 49.
- CAMARGO, Procópio. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CAVALCANTI, Helenilda. *O desencontro do ser e do ter: migração Nordestina para São Paulo*. São Paulo: Tese de doutorado em Psicologia Social, USP, 1999.
- CIDREIRA, R. *Moda nos anos 60/70 (comportamento, aparência e estilo)*. Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras, vol. 2, 2008.
- COSTA, Roney Roberto da. A ética protestante e o espírito do capitalismo: *o discurso das igrejas neopentecostais assimilando os valores de mercado*. TCC História - UEG. Morrinhos, 2008.
- FARIAS, M. N.; FONSECA, A. D.; ROIZ, D. S. *A escola metódica e o movimento dos Annales: contribuições teórico-metodológicas à história*, Akropolis, v. 14, n. 3 e 4: 121-126, 2006.
- FERRARI, Monia. *A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954) - seca e desigualdades regionais*. Dissertação de Mestrado em Sociologia – UFS-CAR. Sorocaba, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 214.
- [http:// www.brasilecola.com/filosofia/a-definicao-acao-social-max-weber.htm](http://www.brasilecola.com/filosofia/a-definicao-acao-social-max-weber.htm):
- [http:// www. saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/gente-paulista_migrantes](http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/gente-paulista_migrantes)
- [http:// www.simoneweil.com.br](http://www.simoneweil.com.br)
- <http://youtube.be/CBKGXNVisNE>
- NAPOLITANO, Marcos. *História & Música – História Cultural da música popular*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002
- WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979. p. 347